

VÊS SÓ

AQUILO QUE ADMIRAS

**Apontamentos da Jornada de Início de Ano
dos Liceus
com Julián Carrón
e Francesco Barberis**

*Por videoconferência,
10 de outubro de 2020*



CL

© 2020 Fraternidade de Comunhão e Libertação
para o texto de Julián Carrón

© 2020 Fundação Meeting para a amizade entre os povos
para o texto da entrevista de Fernando de Haro a Mikel Azurmendi

Tradução do italiano de Maria Ramos Ascensão e de Cláudio Cruz (para a entrevista de Mikel Azurmendi)

Na capa: Pablito Calvo, ator espanhol, protagonista do filme *Marcelino Pão e Vinho*
realizado por L. Vajda (Espanha, 1955). Agradecemos ao Filmexport Group a gentil concessão

Apontamentos da Jornada de Início de Ano
dos Liceus
com Julián Carrón e Francesco Barberis

Por videoconferência, 10 de outubro de 2020

Canto: *The things that I see*

Francesco Barberis

«As coisas que vejo fazem-me rir como um bebé. As coisas que vejo fazem-me chorar como um homem!».¹ Mas quem é que pode fazer esta experiência agora? Quem é que pode rir como uma criança e chorar como um homem? Quem de entre nós consegue viver com esta desarmante simplicidade, quem é que está tão presente no presente?

Hoje estamos reunidos em muitas cidades de Itália e no mundo, jovens e professores, todos diferentes uns dos outros, para vivermos juntos uma Jornada de Início. Mas o início de quê? Por que é que vale a pena iniciar, por que é que vale a pena iniciar hoje e cada manhã? Porquê? Porque Deus, Aquele que te dá e que me dá a vida, não pode fazer nada sem a tua e a minha abertura de coração, sem uma disponibilidade nossa.

Quantas cartas li nestes dias de jovens como vocês, às vezes “bloqueados” naquilo que não corre bem, fixados nos seus próprios erros, nas suas próprias fragilidades e objeções. Que ternura senti pensando em cada

¹ R. Veras-R. Maniscalco, «The things that I see», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, p. 402.

um de vocês! Se tu soubesses o quão importante és, o quanto és desejada, o quanto és desejado, o quanto és amado, amada!

Bastaria apenas um pouco de disponibilidade, um pouco daquela simplicidade que vimos – e que nos conquistou imediatamente – no rosto de Marcelino, no início da ligação. Ter aqueles olhos! Que inveja! No filme, Marcelino fazia trinta por uma linha, mas vencida nele o «olhar deixando-se atrair».² Havia nele, sempre, uma irreduzível saudade da sua mãe, que nunca tinha visto porque ela tinha morrido ao dá-lo à luz. Aquela saudade tornava-se em Marcelino na espera incessante de um amor infinito pelo seu destino.

Por isso, se vencer entre nós e em nós esta disponibilidade e esta espera, Deus vai «mostrar-me ainda mais do que vejo», como acabamos de cantar.

Cantemos juntos: *Favola*

A companhia diz-te: «Olha, continua a olhar». «Não tenhas medo porque está Alguém contigo [...], nunca te abandonará / não tenhas medo, entra nos campos e vai...».³ Os campos são as circunstâncias – aquelas que nos são dadas, não aquelas que imaginamos –. E dentro das circunstâncias nunca somos – nunca! – deixados sozinhos: «Está Alguém contigo, nunca te abandonará...».

Dizia *don* Giussani: «A companhia [...] diz-te: “Olha”. Porque em cada companhia vocacional há sempre pessoas, ou momentos de pessoas, para quem olhar. Na companhia, a coisa mais importante é olhar para as pessoas».⁴ Para reconhecer estas pessoas, estas pessoas que são presenças, é necessária uma lealdade de fundo para com nós mesmos.

Por isso, na raiz de tudo, também hoje, vence em mim uma gratidão, e ao mesmo tempo um desejo de ouvir Julián Carrón, para surpreender aquilo que ele deseja para o nosso caminho dos Liceus.

² L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 282.

³ C. Chieffo, «Favola», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 267-269.

⁴ L. Giussani, «Cartaz da Páscoa, 1994, Comunhão e Libertação», em L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*, Bur, Milão 2014, p. 366.

Julián Carrón

Olá a todos!

Infelizmente, hoje temos de nos comunicar uns com os outros através de vídeo; não podemos olhar-nos pessoalmente no rosto: não podem fazê-lo comigo, nem eu com vocês, não posso ver os vossos rostos, que são sempre mais agradáveis do que uma câmara de televisão! Apesar disso, espero que, ainda que através deste instrumento, possamos chegar uns aos outros, que eu possa chegar a vocês e que vocês estejam disponíveis para ouvir aquilo que desejo dizer-vos, para que possamos acompanhar-nos neste momento particularmente desafiante que todos estamos a viver.

Recomeça a escola, e com ela o desafio do quotidiano. Com tantas questões, tantas interrogações em aberto. Como irão correr as coisas no futuro próximo é uma questão em suspenso para todos, com tantos pontos de interrogação sobre como enfrentá-lo. Nestes dias, li uma entrevista a um intelectual francês, Edgar Morin, que definia o nosso tempo com uma palavra: incerteza. «Entrámos na época das grandes incertezas». E acrescentava: «Não se pode conhecer o imprevisível. [...] A vida é uma navegação [a sua dura bem há uns 99 anos!] num oceano de incertezas através de ilhas de certezas. Ainda que seja escondida ou removida, a incerteza acompanha a grande aventura da humanidade, todas as histórias nacionais, todas as vidas individuais. Porque cada vida é uma aventura incerta: não sabemos antes aquilo que nos espera nem quando chegará a morte. Fazemos todos parte desta aventura, cheia de ignorância, de desconhecido, loucura, razão, mistério, sonhos, alegria, dor. E incerteza».⁵

Não tenho dificuldade em imaginar que tipo de vertigem uma situação como a que estamos a viver provoca também no vosso ânimo, já de si inquieto devido à idade. As condições atuais fazem surgir as perguntas mais simples e ao mesmo tempo mais pungentes: o que é a vida? O que é que enche os dias de gosto e de interesse? Há alguma coisa certa que nos permita navegar no oceano das incertezas? Identifico-me com as vossas perguntas, que vocês trazem tantas vezes estampadas no rosto. De facto, não é possível terem-nas muito tempo lá dentro sem que se manifestem nos vossos rostos.

⁵ E. Morin, «Il potere dell'incertezza», entrevista de A. Ginori, *la Repubblica*, 1 de outubro de 2020.

Às vezes esta incerteza, esta vida tão cheia de perguntas, faz-nos rebelar: não teria sido mais simples nascer como um dos muitos seres que se movem segundo leis fixas? Ou como aqueles seres vivos que não compreendem e não têm de “resolver” o enigma da vida? Como um pássaro que tem um aparato instintivo de tal modo perfeito que não precisa de passar pelas dificuldades a que nós humanos não nos podemos poupar? Mas quem de entre nós trocaria a trepidação diante da pessoa amada pelo tédio de uma ligação determinada pelas leis da física?

É precisamente esta «sublimidade do sentir» humano – «Ó natureza humana, / Se em tudo és frágil, vil, / Se és pó e sombra, como no alto vagas?» – que faz surgir diante da nossa consciência o «mistério eterno / Do nosso ser»,⁶ como lhe chama Leopardi, mistério de uma grandeza única, que o seu génio descreveu com uma incomparável beleza.

Certas perguntas constituem-nos como homens. Por isso, bem-vindos ao mundo dos homens, dos homens conscientes de si! Largaram a bolha protetora – até certo ponto, para dizer a verdade – do mundo infantil e estão a entrar no mar aberto da vida, onde a navegação se revela incerta. Circunstâncias como a que estamos a viver impelem-nos, portanto, a crescer na direção de uma mais profunda consciência. E podemos crescer verdadeiramente, se não deixarmos escapar a oportunidade que este desafio traz consigo!

Se nós podemos enfrentar este desafio sem nos perdermos, com uma positividade de olhar, é porque somos acompanhados por presenças que, como *don* Giussani, nos desafiam a ver o bem que também estas circunstâncias trazem. «Alguém que tivesse vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, tivesse tido muito poucas obrigações, teria um débil sentido da consciência pessoal, pouco perceberia da energia e vibração da sua razão»,⁷ diz no seu livro mais famoso, *O sentido religioso*.

Aqui está como vemos vibrar a razão numa rapariga que esfrega na cara do seu professor a perturbadora fome de sentido que tem: «Professor, é preciso que haja alguém que nos comunique, a nós jovens, o

⁶ G. Leopardi, «Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo», em *Poesia e prosa...*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro 1996, pp. 276-277.

⁷ L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2010, p. 141.

sentido da vida, o gosto pelo quotidiano». E acrescenta: «É preciso alguém que mostre que se pode não ter medo das exigências de sentido, de felicidade».

Impressiona-me a precisão com que esta nossa amiga exprime aquilo que procura: alguém que comunique o gosto pelo quotidiano vivendo-o ele mesmo na primeira pessoa. Assim, ela poderá ver que é possível não ter medo das perguntas de sentido, de felicidade.

Paradoxalmente, precisamente no captar a vida em toda a sua dramaticidade – está aqui a sua grandeza – ela descobre o critério de juízo para a navegação no mar aberto da incerteza. Com efeito, não é qualquer resposta que é capaz de fazer frente à urgência que ela sente premente dentro de si. Quando, pelo contrário, não nos damos conta desta urgência, é fácil sucumbir à confusão, tudo parece igual, uma coisa vale o mesmo do que a outra. Ao passo que, quanto mais urge o pedido de um quotidiano que dê gosto, mais fácil é não nos confundirmos. Aquela rapariga tem em si – como todos, mas é preciso estar consciente disso e fazê-lo valer – o critério para captar as presenças que trazem aquilo que ela procura. A vida, então, torna-se uma questão de atenção, de escancarar o olhar.

Exigências como esta “gritada” pela rapariga fazem-nos perceber o drama em ação: é uma luta entre o gosto pelo quotidiano e o vazio de sentido – que nos agarra por dentro –, entre o ser e o nada. Se não o levarmos a sério, seremos nós as próximas vítimas, se é que não o somos já, do niilismo desenfreado.

Para descrever em termos sintéticos a natureza desta luta temos usado muitas vezes uma expressão do filósofo do final do século XIX Friedrich Nietzsche, que representa a consequência extrema do *seu* niilismo: «Não há factos, apenas interpretações».⁸ A repercussão em nós desta posição é o oscilarmos, no oceano da incerteza, entre mil interpretações, sem sabermos distinguir qual delas acolhe lealmente os factos e se submete à autoridade da experiência. Nenhum facto nos “prende” a ponto de nos fazer sair da equivalência das interpretações. Parece tudo igual. E a incerteza torna a navegação ainda mais vertiginosa.

⁸ Cf. F. Nietzsche, *Frammenti postumi 1885-1887*, in Id., *Opere*, Adelphi, Milão 1975, vol. VIII, fr. 7 (60), p. 299.

Existe alguma coisa capaz de desafiar este axioma: «Não há factos, apenas interpretações»? Existem factos capazes de desafiar a avalanche indistinta de interpretações, que valem todas o mesmo, pela qual somos soterrados nesta sociedade da “informação”? Onde pode aquela rapariga, ou cada um de nós, encontrar algum indício que lhe permita reconhecer a vitória do ser sobre o nada, do gosto pelo quotidiano sobre o vazio dos dias sem sentido?

Como dei por mim a repetir nestes meses em diversas ocasiões, o caso mais emblemático é o do cego de nascença curado por Jesus. Também naquela manhã terá acordado com a incerteza dentro de si, sendo cego. Teria por acaso podido imaginar o que lhe estava para acontecer? Vamos ouvi-lo.

«Ao passar, [Jesus] viu um homem cego de nascença [...] cuspiu no chão, fez lama com a saliva, ungiu-lhe os olhos com a lama e disse-lhe: “Vai, lava-te na piscina de Siloé” – que quer dizer Enviado. Ele foi, lavou-se e regressou a ver. Então os vizinhos e os que costumavam vê-lo antes a mendigar perguntavam: “Não é este o que estava por aí sentado a pedir esmola?”. Uns diziam: “É ele mesmo!”; outros afirmavam: “De modo nenhum. É outro parecido com ele”. Ele, porém, respondia: “Sou eu mesmo!”. Então, perguntaram-lhe: “Como foi que os teus olhos se abriram?”. Ele respondeu: “Esse homem, que se chama Jesus, fez lama, ungiu-me os olhos e disse-me: ‘Vai à piscina de Siloé e lava-te!’. Então eu fui, lavei-me e comecei a ver”. Perguntaram-lhe: “Onde está Ele?”. Respondeu: “Não sei”. Levaram aos fariseus o que fora cego. O dia em que Jesus tinha feito lama e lhe abrira os olhos era sábado. Os fariseus perguntaram-lhe, de novo, como tinha começado a ver. Ele respondeu-lhes: “Pôs-me lama nos olhos, lavei-me e fiquei a ver”. Diziam então alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado”. Outros, porém, replicavam: “Como pode um homem pecador realizar semelhantes sinais miraculosos?”. Havia, pois, divisão entre eles. Perguntaram então, novamente ao cego: “E tu que dizes dele, por te ter aberto os olhos?”. Ele respondeu: “É um profeta!”. Ora os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e agora visse, até que chamaram os pais dele. E perguntaram-lhes: “É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Então como é que agora vê?”. Os pais responderam: “Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como é que agora vê, nem quem foi o que o pôs a ver. Perguntai-lhe a ele: já tem

idade para falar de si”. [...] Chamaram, então, novamente o que fora cego, e disseram-lhe: “Dá glória a Deus! Quanto a nós, o que sabemos é que esse homem é um pecador”. Ele, porém, respondeu: “Se é um pecador, não sei. Só sei uma coisa: que eu era cego e agora vejo”. Eles insistiram: “O que é que Ele te fez? Como é que te pôs a ver?”. Respondeu-lhes: “Eu já vo-lo disse, e não me destes ouvidos. Porque desejais ouvi-lo outra vez? Será que também quereis fazer-vos seus discípulos?”. Então, injuriaram-no dizendo-lhe: “Discípulo dele és tu! Nós somos discípulos de Moisés! Sabemos que Deus falou a Moisés; mas quanto a esse, não sabemos donde é!”. Replicou-lhes o homem: “Ora isso é que é de espantar: que vós não saibais donde Ele é, e me tenha dado a vista. Sabemos que Deus não atende os pecadores, mas se alguém honrar a Deus e cumprir a sua vontade, Ele o atende. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha dado a vista a um cego de nascença. Se este não viesse de Deus, não teria podido fazer nada”. Responderam-lhe: “Tu nasceste coberto de pecados e dás-nos lições?”. E puseram-no fora. Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe: “Tu crês no Filho do Homem?”. Ele respondeu: “E quem é, Senhor, para eu crer nele?”. Disse-lhe Jesus: “Já o viste: é aquele que está a falar contigo”. Então, exclamou: “Eu creio, Senhor!”». ⁹

O que é que o arrancou da sua situação, da incerteza, a este cego? Um facto. «Eu era cego e agora vejo», repete várias vezes. Como ouviram, assim que acontece o facto, desencadearam-se todas as interpretações possíveis e imagináveis, dos vizinhos, dos pais, dos fariseus. Espanta-nos que, depois do milagre, Jesus não tenha tido medo de o deixar sozinho no meio da confusão destas interpretações! Mas o cego não se confundiu nem por um minuto, não teve a mínima dúvida sobre o facto que lhe aconteceu, não foi arranhado nem um milímetro pelas interpretações que não tinham a ver com o evento.

Mas, atenção: o cego de nascença não alinha imediatamente com Jesus. Em primeiro lugar, adere à realidade, alinha-se com o facto, é leal ao evento: «Eu era cego e agora vejo». É esta evidência da verdade – que encontra espaço nele, que resplandece nele: «eu era cego e agora vejo» –, que o faz alinhar depois com Jesus. Mas a escolha do cego de nascença não é uma

⁹ Jo 9,1-38.

escolha ideológica, não é o tomar um partido, pois é o reconhecimento da evidência de ver que o leva a reconhecê-lo. Vemos isso pelo percurso que ele faz, tal como o Evangelho de São João no-lo conta: «Quem te abriu os olhos?». No início responde: «O homem que se chama Jesus». E depois: «E que dizes dele?». «É um profeta!». E por fim, quando encontra novamente Jesus que lhe pergunta: «Crês no Filho do Homem?», pergunta-lhe por sua vez: «E quem é, Senhor, para eu crer nele?». Jesus diz-lhe: «Já o viste: é aquele que está a falar contigo». E ele: «Eu creio, Senhor!».

O cego curado não é um maníaco intransigente que quer impor a sua interpretação: é o único que não espezinha o facto (agora vê, e isso aconteceu através daquele homem chamado Jesus, que depois reconhece como profeta e por fim em toda a sua profundidade como Deus), um facto que todos os outros querem negar para impor a sua ideologia sobre a evidência da realidade. A ideologia é aquela interpretação que elimina os factos à força de preconceitos, de alguma coisa a defender.

O início pode ser uma coisa espetacular como a cura da cegueira, ou uma coisa aparentemente mais banal, como ouvir um programa radiofónico às seis da manhã quando se está internado no hospital, como aconteceu ao nosso amigo Mikel Azurmendi (conhecido sociólogo espanhol, protagonista de uma longa entrevista televisiva da qual veremos daqui a pouco um excerto). Seja como for que aconteça, cada um de nós – como ele próprio diz – é convidado, em primeiro lugar, a *olhar* para o que acontece diante dos seus olhos, para o que está a acontecer agora.

Não há nada que possa desafiar mais o nosso nada do que o acontecimento do evento, de determinados factos. Só «uma humanidade nova, diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável [...] pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos». É o único facto «que pode ser ouvido como um convite que fascina e liberta».¹⁰

Uma rapariga que participava na vida dos Liceus, durante o confinamento, a pouco e pouco, vai reduzindo a sua presença no Zoom, até desaparecer completamente no início do verão, quando é novamente possível

¹⁰ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, Lisboa 2020, p. 99.

recomeçarmos a ver-nos, ainda que com todas as precauções. Numa conversa telefônica, confessa a uma professora sua amiga que vive fechada em casa com a mãe e a avó com terror do contágio. Identificando-se com o desconforto da rapariga, a professora diz-lhe que só um afeto grande pode ser maior do que o medo e propõe-lhe fazer Escola de Comunidade no seu jardim, muito grande, com ela e, se ela quiser, com mais alguns. Inesperadamente, ela aceita, e finalmente sai de casa.

Só assim, como acontecimento que acontece agora, na tua história e na minha, é que Cristo se torna experimentável como esperança no presente, como uma coisa que vence o presente e enche de esperança o futuro, desafiando a incerteza. Reconhecemos isso em muitos testemunhos deste verão.

Uma de vocês conta: «O período do confinamento e de um verão bastante restritivo foi determinante para muitas questões, especialmente para as amizades e a minha forma de me aproximar delas. Nestes meses, dei-me conta de precisar de determinadas pessoas a quem nunca teria atribuído muita importância e do quanto, pelo contrário, outras me eram na realidade indiferentes. Fui sempre uma pessoa que gosta de estar por sua conta. Nos momentos de dificuldade e de tristeza, já me tinha habituado a responder: “O que é que poderia mudar?”. Contra todas as expectativas, durante o confinamento desatei a procurar os amigos como nunca tinha feito ou pensado fazer. Precisava de ver determinados rostos, que conseguiam restituir-me um pouco daquela vida que eu tinha substituído por uma sufocante indiferença ou por um frio cinismo. Sentia a exigência daqueles amigos que, na mais absoluta simplicidade, tinham sempre respondido, mesmo quando eu tinha deixado de os procurar. Mesmo antes de começar as aulas, pedi a alguns colegas para nos vermos, e a consciência de voltar a estar com eles, de estar com eles nas aulas, tem um efeito determinante nos meus dias».

A este testemunho de uma de vocês, faz eco o de uma jovem mãe palestina, que contou a sua experiência durante um dos nossos encontros deste verão. Quando a ouvi, interroguei-me: o que será que viu no grupo de peregrinos do Movimento vindos de Itália aquela mulher palestina, que considerava o seu nascimento na Palestina uma punição para si e para os seus filhos, para decidir permanecer na sua terra depois de ter

desejado durante anos fugir? Teve um encontro que mudou o seu juízo, o seu olhar sobre tudo. E ainda: que experiência fez a nossa amiga do Movimento gravemente doente, Xiao Ping, para se tornar no «coração pulsante da comunidade» de Taipei? A ponto de chegar a dizer: «Percebi que, em última instância, a minha tarefa agora não é tanto aprender a estar diante da dor ou da morte que chega, quanto a de usar o tempo que me resta para dizer a todos aquilo que encontrei».¹¹ Ela percebeu qual é a maior urgência do momento presente: responder com a própria vida à pergunta sobre o sentido da vida, a mesma pergunta feita pela rapariga ao professor: «É preciso que haja alguém que nos comunique, a nós jovens, o sentido da vida, o gosto pelo quotidiano».

* * *

O ABRAÇO

Transcrição de alguns excertos da
entrevista televisiva a **Mikel Azurmendi**,
realizada por Fernando de Haro para o Meeting 2020
Special Edition, por ocasião da publicação
do livro BUR Rizzoli *L'Abbraccio*.

Mikel Azurmendi. Não estava à espera de encontrar nada disto na minha vida. Foi uma grande surpresa. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreendido, disse a mim mesmo que valia a pena ouvir, pouco a pouco, entrei num estado emocional de admiração. [...]

A surpresa de uma pessoa, este facto surpreendente, que encontra alguma coisa ou alguém, ou um livro... e quando vê que pode ser interessante para ela, torna-se admiração. A admiração é um movimento que te leva a identificares-te com o que mais gostas, porque não estavas à espera. [...] Decidi explicar estritamente o que estava a acontecer diante de um olhar atordoado. Todos os outros não querem ver aquilo que acontece.

¹¹ «Cartas», *Tracce*, n. 9/2020, p. 2.

Dizia-me: «Tinha isto ao alcance da mão, por que não olhar? Isto tem de ser explicado». Qualquer sociólogo tem de explicar por que é que a determinado momento olhou para isto, quando o tinha à sua frente todos os dias. Só podes olhá-lo quando o admiras, quando pensas que ali há algo de bom para ti. [...]

O meu objeto seguinte de espanto foi o Prades. [...] Com o Prades, encontras uma pessoa que te ouve, que te pergunta... que te surpreende e que por sua vez fica surpreendida, surpreendida com o facto de tu precisares de falar com ele; fica surpreendido por olhares para ele, e isso surpreende-te ainda mais. Tem um olhar que entra dentro de ti e te acalma. Convidou-me para ir a Madrid a um encontro, eu disse à minha mulher, Irene: «Não vou». E ela: «Mas disseste-lhe que ias». Era verdade, tinha-lhe dito que sim... Queria reconciliar-me com aquele homem que me olhava de maneira especial, que me percebia e me ouvia. E fui ao EncuentroMadrid. Para ir tive de me vencer, o que é que eu tinha a ver com os cristãos? E no EncuentroMadrid encontrei a própria humanidade, não a Festa da Humanidade; encontrei gente humana, encontrei pessoas que sorriam, que iam e vinham em silêncio. Cumprimentam-se, abraçam-se, ouvem-te, fazem-te perguntas. Crianças que correm por ali... Sorrisos, alegria... Fiquei boquiaberto. Nunca poderia ter imaginado uma coisa assim. [...]

Fernando de Haro. *Há um momento n' O Abraço que me parece ser o mais fascinante de todos: tu estás diante desta tribo que estás a estudar, e a dada altura consideras plausível, possível, a hipótese de que o que estás a ver seja uma consequência não só de Deus, mas de um Deus encarnado. Não encerras a questão afirmando que estas pessoas se comportam assim porque estão dominadas por uma neurose coletiva ou devido a uma sublimação dos seus desejos; há um momento no livro em que afirmas a plausibilidade da hipótese. Como é que chegaste a esse momento?*

– Referes-te certamente a uma das últimas passagens, em que faço uma espécie de cálculo: «Esta vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida desta gente, feito de dedicação, de alegria, este estilo de vida como é que é possível?» Podes ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como que clarões, mas depois decaem. Mas tu vês estas vidas, eu acompanhei durante dois anos estas vidas, estas pessoas (no livro são personagens, mas são pessoas), famílias, e sei que isto é impossível

vel a não ser por um milagre. E é um milagre esta família, outro milagre aquela pessoa. Há milagres por toda a parte. E isto é muito misterioso. O estilo de vida leva-me a questionar-me: «Porquê este estilo de vida?» Podes ter um *flash* durante um ano ou dois, mas toda a vida... Mas a tua vida, a vida seguinte, vidas como estas existem há dois mil anos. Julgo que os cristãos viveram durante dois mil anos como vocês vivem, embelezando a humanidade, fazendo florescer a caridade, o amor. Os sociólogos não falam disso porque não estão interessados. Não falam de Comunhão e Libertação ou de outros cristãos que eu não conheço, mas que existem, sei que existem porque os encontrei, em irmandades, fraternidades. Então interrogas-te. Poderia explicar uma vida, uma vida por um bom tempo – não por toda a vida –, mas explicar as famílias, as vidas, gerações que fazem o bem, que encarnam o bem... Só há uma explicação para este facto: que o que te dizem é verdade, que a verdade é verdadeiramente verdade em ação. A verdade é sempre operativa. A verdade produz vida. Este estilo de vida é produzido por alguma coisa: dizem que é Jesus Cristo. Se eu preciso desta vida, se é objeto de admiração para mim, tenho de olhar com admiração para o motor que move esta vida. E isso é tudo. Então percebes que aquele motor foi humano. Deus feito homem. Só assim podes perceber. Eu fui professor de História Comparada das Religiões. Quero concluir com isto: os deuses que todos nós estudamos são abstrações. Nunca houve uma pessoa que tenha dito o que Jesus disse: «Perdoai-vos uns aos outros, amai-vos, visitai os doentes, dai comida aos famintos, o outro é mais importante que tu, a vida não é [dada] para ser conservada, é para ser dada, e se procurares conservá-la vais perdê-la». Não há em toda a humanidade – pelo menos eu não o encontrei, e imagina se eu não conheço as religiões, li centenas de volumes – alguém que tenha dito isto. E não é só que Jesus o disse, é que estas pessoas são aquelas que o seguem. E então tu somas dois mais dois. E dizes: «Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio». Em Deus eu não teria acreditado.

– *Porquê?*

– Porque Deus é uma ideia. A filosofia primeiro, a religião e a teologia depois, caíram na armadilha de reduzir Deus a uma ideia. É essa a diferença. Não falamos de Deus. Estamos a falar de um homem que era Deus, que nos ensina onde temos de ir.

– *Lembro-me do dia em que tu nos disseste: «E se fosse verdade que Jesus ressuscitou?» Estavas a lutar com a veracidade daquele testemunho.*

– Há um momento em que és obrigado a perguntar-te: «Como é que podem enganar-se todos juntos ao mesmo tempo?» Também os inimigos sabiam. E não O conheciam. João e André andavam com ele, mas não O conheciam. «Mas é o mestre». Estiveram juntos dois ou três anos com o mestre. Uma pessoa saíra tão transformada, depois! Eis o que é a ressurreição. Sabemos que existe a ressurreição. Ressuscitou e disse-nos que ressuscitaremos.

– *Mikel, obrigado por teres escrito O Abraço. Obrigado por este momento de conversa, por tudo o que elaboraste nos últimos anos.*

– Eu é que tenho de vos agradecer.

* * *

Carrón

Antes de acabar, permitam-me uma última “intrusão” na vossa Jornada de Início para vos desejar uma coisa.

O ano que acaba de começar é uma ocasião fantástica. E, para enfrentar as incertezas do futuro, têm um grande aliado: o vosso coração esfomeado de um sentido à altura da vida. Não se contentem em sobreviver, porque a vida pede a eternidade, ou seja, tudo.

Sejam leais com o vosso coração e começarão a ver muitos companheiros de caminho – ainda que às vezes “à distância”, como no vídeo de hoje – que têm a audácia de navegar no oceano das incertezas porque estão no barco do destino juntamente com Jesus.

Numa conversa com o escritor Giovanni Testori em 1980, Giussani dizia: «Eu não consigo encontrar um outro índice de esperança que não seja a multiplicação destas pessoas que sejam presenças. A multiplicação destas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre estas pessoas».¹²

Se conservarem os olhos abertos, irão descobrir amigos – pequenos ou grandes, novos ou velhos, não importa –, que vos testemunharão o «gosto pelo quotidiano» e vos farão chegar uma vontade louca de viver como eles. Se olharem para eles e aceitarem segui-los, será um ano cheio de surpresas.

Boa aventura, amigos!

¹² L. Giussani – G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 116.

